

## Infâncias, cidades e territórios: perspectivas interdisciplinares

Maria Leticia Barros Pedroso Nascimento  
Levindo Diniz Carvalho

<https://dx.doi.org/10.5209/soci.96226>

Publicado: 27 de junio de 2024

### ENG Children, cities and territories: interdisciplinary perspectives

Viver em cidades é uma prática social resultante de modificações nos modos de vida, desde meados do século XVIII. As cidades foram se constituindo e, por sua vez, alterando os ritmos da vida social. Pode-se dizer que as diversas configurações desenhadas foram, aos poucos, delimitando os espaços destinados às crianças, definindo a escola como seu lugar, isto é, cerceando sua participação na vida pública, da alçada dos adultos. Se é certo que este não foi um encaminhamento linear ou universal a princípio, considerando a pluralidade sociocultural das diferentes regiões do mundo, a organização política das cidades acabou retirando das crianças o seu direito de circulação neste espaço social no qual viviam e vivem, restringindo sua participação em nome de sua proteção, muitas vezes ocultando-as como sujeitos escolares ao invés de sujeitos sociais e fortalecendo uma ideia de que os espaços públicos não são “adequados” para criança. Entretanto, de fato, as crianças permaneceram ocupando e disputando as cidades, de diferentes maneiras.

O reconhecimento das crianças como sujeitos sociais, como cidadãos, lançou um olhar mais atento para os diversos lugares ocupados por elas nas cidades. Quais são esses lugares? Quem são as crianças e como os ocupam? São ocupados a partir de quais condições de vida? Como se efetiva o direito à cidade pelas crianças em metrópoles cindidas e desiguais?

Estudos promovidos por variadas pesquisas têm contribuído para buscar respostas às questões elencadas e alargar o conhecimento sobre as relações entre as crianças e as cidades, o que é dizer que as investigações com crianças nas cidades localizam os variados lugares da infância no cotidiano urbano. Alguns estudos desocultam as ocupações que as crianças fazem das cidades, a partir de suas condições de vida e relacionamentos, muitas vezes apontando políticas sociais no campo da infância e a tensão presente entre as condições socioeconômicas e as oportunidades e interações das crianças no meio urbano; outros propõem projetos que visibilizam a participação das crianças em espaços que lhes foram negados anteriormente, em busca de ouvi-las sobre a utilização dos espaços públicos; outros, ainda, reconhecem a cidadania infantil a partir das atuações das crianças em movimentos sociais, seja por pertencimento familiar ou na luta por direitos.

Nesse horizonte, a reflexão sobre as relações entre a infância e a cidade também pode estar ancorada na necessidade do rompimento de uma visão menorizada e salvacionista das crianças que vivem em territórios vulneráveis. Se tal discurso de criminalização da circulação da criança na cidade é histórico, sua presença, no cenário contemporâneo, influencia muitas das políticas públicas de proteção à infância. Notadamente nas políticas de proteção, a tendência é a de re-institucionalizar a infância (em abrigos, escolas de tempo integral, ou centros sociais, por exemplo). Nesse sentido, a compreensão das condições da infância urbana também interroga a dimensão dos direitos e impõe uma visão crítica dos direitos das crianças.

É fundamental compreender a cidade como espaço público de convivência da diferença e o direito à cidade como um direito de cidadania. Se por um lado podemos afirmar que as crianças têm sido vítimas da injustiça urbana de inúmeras formas, sendo populações invisibilizadas e silenciadas, por outro, pesquisas e práticas têm revelado o olhar e as vozes das crianças e seu desejo de mudar a vida na cidade.

Este dossiê se dedica a abordar todas essas dimensões ao trazer trabalhos que demonstram como a análise das relações entre as crianças e as cidades pode ser realizada em múltiplos níveis. Isso permite tanto a identificação de indicadores estruturais relacionados aos direitos e políticas voltadas para a infância em um determinado território urbano, quanto a compreensão das maneiras pelas quais crianças de diferentes grupos sociais e culturais circulam, interagem, interpretam e participam da vida na cidade.

Assim as pesquisas, então, nos mostram que as cidades estão repletas de crianças que vivem nelas e que cotidianamente atuam sobre elas, reconfigurando espaços urbanos como sujeitos sociais, como cidadãs, por meio ações muitas vezes invisíveis aos olhos da maioria, e também as relações geracionais.

Além das condições socioeconômicas e políticas, são elementos que alimentam a tensão entre a participação infantil e as expectativas de proteção às crianças.

É no âmbito desse fértil debate que apresentamos esse dossiê temático que, ao trazer estudos desenvolvidos em países como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Portugal, Tânger, visibiliza a diversidade das experiências infantis e oferece subsídios à formulação de políticas de educação, assistência e saúde, que considerem a criança como sujeito de direitos.

O conjunto de textos aqui apresentados evidencia a dimensão interdisciplinar do tema e abrange tanto a investigação etnográfica como a quantitativa, baseada na exploração de fontes secundárias ou na aplicação de inquéritos ou questionários. Entre os primeiros, destacam-se pela novidade aqueles que colocam a vida urbana das crianças na primeira infância no foco de suas investigações, já que não é muito comum encontrá-los nos estudos da infância. Os artigos que se seguem pertencem a este grupo: *Os bebês desafiam a cidade: uma etnografia em movimento em Imperatriz/Maranhão* e *“Temos de ficar na mata para falar com as pessoas”*. *Espaço público e ação coletiva das crianças de um jardim de infância* e *O território das crianças na geometria da casa: disputas e conquistas do corpo infantil em movimento*. Os dois falam de lugares onde as crianças, embora estejam lá, não são vistas como atores.

Combinando diferentes técnicas qualitativas, o artigo *Mapas, vozes e cotidiano: como a vida das crianças é espacializada em uma escola pública no rio de janeiro* identifica a influência da localização geográfica na constituição da cidade pelas crianças, bem como suas demandas por justiça existencial. Da mesma forma, *Percepções de crianças e adolescentes chilenos sobre as condições de habitabilidade do seu ambiente residencial e o seu papel nos processos de produção social do habitat*. O artigo *O villa e o barrio. Perspectivas das crianças sobre o processo de urbanização da villa 31, Cidade de Buenos Aires* mostra que os adolescentes estabelecem uma diferença entre o que percebem como “villa” e o que percebem como “barrio” em relação à sua capacidade de apropriação desses territórios, condicionada, ao mesmo tempo, pelo gênero.

Para o estudo que está na base do artigo *Muqawama. Estratégias de resistência de crianças de rua: estudo de caso em Tânger*, a autora utilizou a observação participante, apoiando as suas conclusões em entrevistas com diferentes agentes que trabalham no terreno com estas crianças. A importância do trabalho interdisciplinar se destaca no texto *Percepções de crianças sobre os usos da cidade a partir de oficinas em terapia ocupacional na assistência social* sobre a implementação de ações territoriais como forma de buscar a autonomia e a participação social de sujeitos e coletivos.

A relevância do papel desempenhado pela habitação nas condições de vida das crianças e adolescentes é analisada em *Infância e moradia: um binômio ainda pendente*, que utiliza dados do Inquérito às Condições de Vida, numa dimensão comparativa entre Espanha e países da União Europeia que têm sistemas de provisão residencial diferentes. A importância da cidade como promotora do bem-estar e da saúde das crianças está presente em *Uma cidade segura e lúdica para o bem-estar e a saúde das crianças: uma contribuição de Barcelona*, que utiliza dados do Inquérito ao Bem-Estar Subjetivo das Crianças aplicados a uma amostra de 1.066 crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos de idade.

Na sequência da secção monográfica, este número oferece um conjunto de artigos que se centram em aspectos particulares da vida das crianças, analisados no âmbito dos estudos da infância. A participação de crianças e adolescentes na pesquisa, característica comum a esses estudos, é aprofundada em *Perspectivas sobre o cuidado dos jovens dos setores populares. Um exercício de pesquisa colaborativa*, que aborda os significados que crianças e jovens dão ao cuidado, a partir de suas experiências de vida em bairros com inúmeras dificuldades. Da mesma forma, a participação intergeracional na reconstrução da memória de uma comunidade, foco do artigo *Relatos de obediência e resistência: memória intergeracional de infâncias em Bello Oriente. Medellín, Colômbia*, representa avanço nesse tipo de participação. Outro artigo que discute a participação infantil é *Inclusão das crianças na participação democrática e local na Comunidade de Madrid: Uma perspectiva de técnicos e políticos municipais*. Finalmente, temos *Temporalidades em propostas audiovisuais oferecidas à primeira infância em contextos familiares durante a pandemia*, que vai discutir experiências ocorridas em torno de propostas audiovisuais oferecidas às crianças pequenas como uma prática cultural de educação, na qual podem ser reconhecidas diferentes configurações da experiência do tempo partilhado.

A secção de outras contribuições, sob o título *Rigor científico e ativismo académico. Homenagem a Valentina Glockner*, representa o reconhecimento da vida e da obra de uma cientista social que nos deixou demasiado cedo, nas vozes emocionadas de mulheres que partilharam com ela projectos, esperanças e lutas para defender os direitos das crianças, a par de si próprias.

Este número é encerrado com a secção de resenhas, como habitualmente. Dois dos livros resenhados (*Social Justice for Children in the South* e *Infâncias para além da escola na América Latina: como vê-las?*), são obras colectivas com a participação de autores de relevo no campo dos estudos da infância na América Latina. A resenha de *Kids at Work. Latinx Families Selling Food on the Streets of Los Angeles* oferece a visão pessoal da autora sobre o valor que seu trabalho representa para algumas crianças.